



ANAIS

Simpósio Internacional de Língua, Literatura e
Interculturalidade (SIELLI)
e Encontro de Letras

www.sielli.ueg.br

POSLLI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE

Campus
Cora Corália

Universidade
Estadual de Goiás

09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

TECHNÉ, RETÓRICA E POÉTICA

TECHNÉ, RETHORIC AND POETIC

Danilo Frabetti¹

Resumo:

Em "Contra os retóricos", Sexto Empírico argumenta que a retórica não é uma arte (techné) por diversos motivos, entre eles por não ser útil à cidade, já que pode ir contra aos interesses da lei; por não ser verdadeira, uma vez que pode tornar verossímil aquilo que é falso; que não possui uma finalidade, posto que é inconstante, volátil e cambiável. Sexto cita a defesa que os retóricos fazem dela utilizando-se de uma analogia com a pedra de amolar facas que, mesmo desprovida da capacidade de cortar, é capaz de tornar o metal apto ao corte. Assim, mesmo não sendo bons oradores eles podem transmitir essa capacidade aos outros pela arte, ou conforme nos convém, por técnica (techné). Propomos pensar essa analogia relacionando-a a uma passagem do diálogo "Íon", de Platão, quando diz que o rapsodo não é hábil pela arte, ou pela técnica, mas antes o faz através de inspiração divina das musas. Como exemplo, Sócrates utiliza-se da metáfora da pedra magnética que, capaz ela de atrair metais, induz o metal à atração, tornando-o também capaz de semelhante atração desde que submetido aos efeitos de sua influência. Assim o poeta não agiria por "techné", não produziria por conhecimento, mas por inspiração. Nos propomos a pensar as relações entre retórica e poética partindo da leitura dessas duas metáforas que se desenvolvem na reflexão sobre a noção de técnica, tendo como contraponto a teoria sofística de Górgias quando pensa o corpo mínimo do discurso que é capaz das mais divinas obras.

Palavras-chave: Técnica, Retórica, Poética.

Abstract:

In "Against the Rhetoricians", Sextus Empiricus proposes that the rhetoric it's not an art because is not useful to the city, since it can go against interests of the law; because it is not true, since it can make credible what is false; and because it has no purpose, since it is fickle, volatile and exchangeable. Sextus cites the defense as the rhetoricians makes about it by the analogy with the whetstone, even without the ability to cut, is able to make the metal fit for cutting. Even though they are not good speakers, they can transmit this ability to others by technique. We propose to think of this analogy through a passage in the platonic dialogue "Ion", that says the rhapsode is not skilled by technique but by the inspiration from the muses. By example Socrates uses the metaphor of the magnetic stone that is able to attract metals, making it capable of attraction since subjected to the effects of its influence. That way the poet would not act by technique, would not produce knowledge, but by inspiration. We propose to understand the relations between rhetoric and poetic by the reading of these two metaphors that develops in the reflection of technique, having as counterpoint the Gorgias sophistic theory when says that the minimum body of speech is capable of the most divine acts.

Key words: Technique, Rhetoric, Poetic.

¹ Danilo Frabetti é Bacharel em Artes Visuais pelo Vis – UnB, Mestre e Doutorando em Literatura pelo TEL – UnB, e professor de Artes na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. E-mail: danilofrabetti@gmail.com.



ANAIS

Simpósio Internacional de Língua, Literatura e Interculturalidade (SIELLI) e Encontro de Letras

www.sielli.ueg.br

POSLLI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE

Campus
Corápolis

Universidade
Estadual de Goiás

09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

Introdução

Um discurso é um grande senhor que, por meio do menor e mais inaparente corpo, leva a cabo as obras mais divinas. Pois é capaz de fazer cessar o medo, retirar a dor, produzir alegria e fazer crescer a compaixão. Que estas coisas são assim, mostrarei. – Górgias.²

Iniciamos com essas palavras de Górgias que conferem ao *logos* certa noção de soberania exercida através do mais imperceptível corpo. Ele tem o poder de alterar condições circunstanciais, atuando de maneira velada. O cessar do medo, a retirada da dor, a produção da alegria e compaixão, efeitos elencados que são gerados pelo discurso. Embora seja mínimo, atua substancialmente em seu interlocutor, tanto no âmbito das instâncias psíquicas como o medo, quanto das corpóreas como a dor. Também pela capacidade ora de cessar alguns eventos, ora de produzir outros. As obras capazes desses feitos são elevadas a naturezas divinas, similares aos feitos dos deuses.

O texto procura isentar Helena da infâmia sustentando três argumentos: ou ela foi raptada à força, ou persuadida pelos discursos, ou surpreendida pelo amor. Em todos os casos deve-se reconsiderar sua reputação pois, independente dos motivos, ela não teria meios para resistir à má sorte em que foi lançada. Trata-se de inverter a premissa acusatória que a concebe como traidora através da construção de uma narrativa defensiva, onde a traição de Helena seria produto de persuasão, submetida que fora aos efeitos do *logos*, o soberano imperceptível.

Górgias compara o poder persuasivo do *logos* com duas artes: *do sortilégio e da magia, as que são erros da alma e enganos da opinião.*³ O discurso, entrando em contato com a opinião da alma, a enfeitiça, produzindo seus efeitos pela alteração de sua condição, imprimindo prazer onde há dor, gerando alegria onde há tristeza. A opinião é envolvida pela instabilidade escorregadia do *logos* – que pode transitar entre polos opostos, capazes de produzir ou cessar, afirmar ou negar, outorgar ou destituir – pois seria ela mesma instável e escorregadia, sempre suscetível aos seus encantamentos. Há entendimento similar com os efeitos produzidos pela poesia, julgada e nomeada como *um discurso que tem metro*⁴, igualmente incidindo sobre a alma, enfeitiçando, alterando-a. Assim a poesia, quando discurso metrificado, teria também dotes similares capazes de levar a cabo obras divinas. Pela opinião, que é múltipla e instável, o *logos* atinge e modifica a alma, transformando-a pela instabilidade plural, erguendo-se como acontecimento sustentado pelo discurso, não necessariamente pela entidade e veracidade do ser.

Desenvolvimento

² GÓRGIAS. *Elogio de Helena*. Trad. Daniela Paulinelli. Belo Horizonte: Anágnosis, 2009, parágrafo 08. Disponível em: <http://anagnosisufmg.blogspot.com/2009/11/elogio-de-helena-gorgias.html> Acesso em: 11/12/2019.

Λόγος δυνάστης μέγας ἐστίν, ὃς μικροτάτῳ σώματι καὶ ἀφανεστάτῳ θεϊότατα ἔργα ἀποτελεῖ ▪ δύναται γὰρ καὶ φόβον παῖσαι καὶ λύπην ἀφελεῖν καὶ χαρὰν ἐνεργάσασθαι καὶ ἔλεον ἐπαυξῆσαι. ταῦτα δὲ ὡς οὕτως ἔχει δεῖξω ▪

³ *Ibid.*, parágrafo 10. γοητείας δὲ καὶ μαγείας δισσαὶ τέχναι εὐρηγνται, αἶ εἰσι ψυχῆς ἀμαρτήματα καὶ δόξης ἀπατήματα.

⁴ *Ibid.*, parágrafo 09. τὴν ποιήσιν ἅπασαν καὶ νομίζω καὶ ὀνομάζω λόγον ἔχοντα μέτρον



ANAIS

Simpósio Internacional de Língua, Literatura e Interculturalidade (SIELLI) e Encontro de Letras

www.sielli.ueg.br

POSLLI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE

Campus
Cora Corálina

 Universidade
Estadual de Goiás

09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

Na busca por compreender o que se desprende do processo de alteração dos ordenamentos primeiros, o qual norteia nossos esforços, consideramos então o poder conferido ao discurso, à poesia e ao texto de maneira ampla, de interferir e produzir modificações substanciais. Nos convém pensar, a partir da capacidade de levar a cabo as obras mais divinas, tomando também as palavras do diálogo platônico *Íon* na célebre passagem da pedra magnética que induz os anéis de ferro da corrente de metal (533c – 535a):

Sócrates – É o que me disponho⁵ a fazer, Ião, para explicar-te o que me parece ser a causa do que dizes. O dom de falares com facilidade a respeito de Homero, conforme concluí há pouco, não é efeito de arte, porém resulta de uma força divina que te agita, semelhante à força da pedra que Eurípedes denomina magnética e que é mais conhecida como pedra de Hércules. Porque essa pedra não somente tem o poder de atrair anéis de ferro, como comunica a todos eles a mesma propriedade, deixando-os capazes de atuar como a própria pedra e de atrair outros anéis, a ponto de, por vezes, formar-se uma cadeia longa de anéis e de pedaços de ferro, pendentos uns dos outros; e todos tiram essa força da pedra. (PLATÃO, 1980, p. 228)

Estamos diante de uma questão fundamental quando Sócrates diz que o bem dizer de *Íon* sobre Homero *não é efeito de arte*, mas resulta de *uma força divina*. Platão destitui do discurso a instância de produção de conhecimento, uma vez que o orador produz inspirado e, portanto, desconhece os princípios e motivos primeiros daquilo que cria. Górgias e o logos soberano que atua produzindo obras divinas – Platão e a produção terceirizada da linguagem que emana do ser superior.

Ambas as situações necessitam de uma intervenção que desapropria as propriedades naturais, transformando-as. Utilizada para explicitar esse pensamento, a metáfora da pedra de Hércules diz como que ela pode induzir os anéis de ferro de modo que eles, inicialmente desprovidos do poder de atração magnética, sob influência da pedra, agora possam também atrair os outros anéis, resultando no encadeamento da ação. Para o pensamento platônico, as produções discursivas – também as textuais, poéticas e artísticas – dependem dessa origem que transfere e induz à capacidade aqueles que são por ela atraídos. A pedra magnética estaria para o poder inspiratório divino, como as musas, e o orador estaria para o anel de ferro, transmitindo aos outros interlocutores os efeitos que adquiriu das instâncias superiores. Na sequência do texto temos:

Do mesmo modo, as Musas deixam os homens inspirados, comunicando-se o entusiasmo destes a outras pessoas, que passam a formar cadeias de inspirados. Porque os verdadeiros poetas, os criadores das epopéias, não

⁵ O fragmento citado inicia-se com o verbo *ver* conjugado na primeira pessoa do indicativo presente ativo (*ὄρω*), presente por exemplo na tradução lusitana de Vitor Jabouille colocado como “*Eu vejo, Íon, e vou fazer-te ver o que é, segundo o meu entendimento*”, escolha próxima à do tradutor brasileiro Cláudio Oliveira, que traduz por “*Eu vejo mesmo, Íon, e vou te mostrar o que isso me parece ser*”. Na tradução inglesa de W.R.M Lamb “*I do observe it, Ion*”. Adotaremos as traduções do belo trabalho de Carlos Alberto Nunes como ponto de partida para nossos apontamentos.



ANAIS

Simpósio Internacional de Língua, Literatura e Interculturalidade (SIELLI) e Encontro de Letras

www.sielli.ueg.br

POSLLI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE

Campos
Corá Corália

Universidade Estadual de Goiás

09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

compuseram seus belos poemas como técnicos, porém como inspirados e possuídos, o mesmo acontecendo com os bons poetas líricos (...) Porque o poeta é um ser alado e sagrado, todo leveza, e somente capaz de compor quando saturado do deus e fora do juízo, e no ponto, até, em que perde todo o senso. Enquanto não atinge esse estado, qualquer pessoa é incapaz de compor versos ou de vaticinar. Porque não é por meio da arte que dizem tantas e tão belas coisas sobre determinados assuntos, como se dá contigo em relação a Homero. É por inspiração divina, exclusivamente, que cada um faz tão bem o que faz, conforme a Musa o incita: ditirambos, panegíricos, danças corais, epopeias, ou iambos, revelando-se todos eles medíocres nos demais gêneros, pois não falam por meio da arte, mas por uma força divina. (PLATÃO, 1980, p. 228 – 229).

As musas deixam os homens inspirados (*enthéous*). O vocábulo possui em si a referência ao deus que inspira, algo como estar repleto de deus, estar endeusado. A musa produz o entusiasmo, sendo ela a origem afastada. O poeta replica o entusiasmo a outros e, semelhante aos efeitos dos anéis de ferro que se atraem em cadeia, assim também os entusiasmados (*enthousiazónton*) são contagiados pela inspiração divina, capazes de transmitir a inspiração a outros entusiastas. Na tradução de Vitor Jabouille⁶ lemos: “*Assim, também a Musa inspira ela própria e, através destes inspirados, forma-se uma cadeia, experimentando outros o entusiasmo*”⁷. Tal qual a corrente dos anéis induzidos, a cadeia de inspirados que partilham do entusiasmo é metáfora para o processo de produção poética, entendida aqui como emanção de ordem divina que, incidindo sobre o poeta, receptáculo dessa pulsão, a partilha com outros, induzindo e conectando-se.

Ressaltamos aqui a importância da imagem dessa cadeia de entusiasmados. É necessário que um portador transmita a palavra recebida a outros interlocutores, contagiando-os, enfeitando-os, para que ela se erga como acontecimento. Nessa concepção platônica de poesia, o poeta recebe a mensagem, é por ela modificado, e aos outros modifica, alterando os ordenamentos para que se assemelhem aos propósitos disseminados.

Novamente, aqui não se trata de arte, de técnica, mas de entusiasmo, inspiração divina. Os bons poetas épicos produzem inspirados e possuídos pela pulsão superior. O poeta como um ser leve, sagrado, alado, destituído de si, replicando as palavras que recebe diretamente das musas. Distante do controle, não pode produzir conhecimento pois desconhece os motivos pelos quais agem os deuses. Portanto a técnica, a arte, implicaria conhecimento dos fundamentos de seus próprios domínios, de modo que poderia ter em comum com as outras técnicas

⁶ PLATÃO, Íon. Trad. Victor Jabouille. Lisboa: Editorial Inquérito Limitada, 1988. p. 49.

⁷ Em ambas as traduções ao português supracitadas notamos alternância entre os vocábulos derivados de *inspiração* e *entusiasmo*. Carlos Alberto Nunes utiliza: *inspirados* (...) *entusiasmo* (...) *inspirados*. Victor Jabouille *inspira* (...) *inspirados* (...) *entusiasmo*. Na tradução de W.R.M. Lamb para o inglês “*In the same manner also the Muse inspires men herself, and then by means of these inspired persons the inspiration spreads to others, and holds them in a connected chain*”, portanto *inspires* (...) *inspired* (...) *inspiration*.

O texto em grego “ οὕτω δὲ καὶ ἡ Μοῦσα ἐνθέουζ μὲν ποιεῖ αὐτή, διὰ δὲ τῶν ἐνθέων τούτων ἄλλων ἐνθουσιαζόντων ὁρμαθὸς ἐξαρτᾶται ” *enthéous* (...) *enthéōn* (...) *enthousiazónton*.



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

proximidades e disparidades que lhe confeririam legitimidade. Quem poderia legitimar ou deslegitimar os feitos dos deuses?

Como contraponto à imagem da pedra de Hércules, tomemos a da pedra de amolar, presente em “*Contra os retóricos*”⁸ de Sexto Empírico. O texto constitui um dos livros que integram a obra “*Contra os professores*”, caracterizada por ataques sistemáticos às artes técnicas ou ofícios, refutando seus fundamentos e sistemas por meio de controvérsias, colocando em aporias, instaurando, pelo dogmatismo negativo, um pretensioso critério dos métodos de produção de conhecimento. A imagem que usaremos é a seguinte:

Assim, eles [os professores] não são retóricos por causa da arte. Daí é possível rir-se deles quando, defendendo-se contra essa confutação, afirmam que, assim como as pedras de amolar não são feitas para cortar, mas, amolando a espada, tornam-na capaz de cortar, do mesmo modo, eles próprios, embora sejam incapazes de discursar por inexperiência, fazem outros homens falar instruindo-os por essa arte. Pois esses admiráveis retóricos não perceberam a dissimilaridade dessa comparação, uma vez que, se a pedra de amolar, por um lado, não possuía esse poder de implantar no ferro sua própria qualidade, eles professam, por outro lado, como principal tarefa, já que possuem tal arte, transmiti-la ao próximo. (EMPÍRICO, 2013, p.11)

Interessante e muito propícia para nosso esforço a relação entre as pedras, a magnética e a de amolar. Uma é dotada de capacidade atrativa e, incidindo sobre o anel de ferro, transfere seus dotes a ele, tornando-o apto para a atração de outros anéis; a outra, destituída da capacidade de corte, incide sobre o metal tornando-o afiado, capacitando-o para uma função que ela própria não possui. Se estabelece aqui certa disparidade já que o magnetismo induz o metal a reproduzir seus atributos por semelhança, ao passo que o amolar do fio induz o metal ao corte pela alteração díspar, já que por si só não pode fazê-lo. Mas também se aproximam pelo argumento de que, tanto a poética para Platão quanto a retórica para Sexto não constituem técnicas, não possuem fundamentos artísticos.

No diálogo Sócrates defende que, apesar de versar sobre diversas outras artes, Homero discorre sobre técnicas que, enquanto poeta, desconheceria com a propriedade necessária para delas emitir juízos adequados. Como quando diz que Nestor aconselha seu filho Antíloco a ser cauteloso na manobra da corrida de carros realizada nos funerais de Pátroclo, quando diz que Hecamede deu a beber uma poção para curar o ferido Macaóne, além de passagens sobre a pesca e a arte da adivinhação. Portanto, sendo um rapsodo, o poeta não poderia dizer verdadeiramente sobre a auriga, nem a medicina, ou a pescaria, pois isso demandaria conhecimento técnico. A rapsódia, a retórica e a poética como elocuições discursivas que sustentam simulacros vazios quando, tanto os poetas quanto aqueles que os recitam apenas repetem a casca sonora dos ritmos e harmonias que receberam dos deuses. Não constituiriam técnica, não sistematizariam arte, não produziram conhecimento.

⁸ EMPÍRICO, Sexto. *Contra os retóricos*. Trad. Rafael Huguenin e Rodrigo Pinto de Brito. São Paulo: Unesp, 2013.



ANAIS

Simpósio Internacional de Língua, Literatura e Interculturalidade (SIELLI) e Encontro de Letras

www.sielli.ueg.br

POSLLI

Clareira
Corá Corálina

Universidade
Estadual de Goiás

09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

Interessante também notar como Íon, atendendo ao pedido de Sócrates, recita breves versos sobre os conselhos de Nestor quando é interrompido pelo filósofo que, a partir de então, recita as outras passagens, demonstrando que ele também, mesmo não sendo considerado bom rapsodo como seu adversário, podia evocar com precisão as palavras do poeta, sustentando então que não é necessário possuir técnica para proceder de maneira similar aos feitos dos poetas.

O texto de Sexto inicia pela busca de uma definição platônica de retórica, presente no diálogo *Górgias* (453e), citada como: “*A Retórica é criadora de persuasão por meio de palavras, tendo sua eficácia nas próprias palavras, sendo persuasiva e não instrutiva.*” (EMPÍRICO, 2013, p.3). A definição proposta se sustenta nas palavras pois haveriam outros modos de persuasão que não necessitam do discurso, tais quais a riqueza, glória, prazer e beleza. A passagem do diálogo na tradução de Carlos Alberto Nunes⁹:

Sócrates – Quer parecer-me, Górgias, que explicaste suficientemente o em que consiste para ti a arte da retórica. Se bem te compreendi, afirmaste ser a retórica mestra da persuasão¹⁰, e que todo o seu esforço e exclusiva finalidade visa apenas a esse objetivo. Ou tens mais alguma coisa a acrescentar sobre o poder da retórica, além de levar a persuasão à alma dos ouvintes? Górgias – De forma alguma, Sócrates; acho tua definição muito boa. A persuasão é, de fato, a finalidade precípua da retórica. (PLATÃO, 1980i, p. 118)

Górgias retoma, pela fala que confere à persuasão a finalidade da retórica, a linha do argumento que procura isentar Helena, enfeitada que fora pelo poder do discurso. Sexto reitera que, mesmo quando lançados às desventuras da guerra por sua causa, ainda assim os anciãos do povo, em Homero, são submetidos à persuasão de sua beleza, quando dizem: “*Não é motivo de repreensão que Troianos e Aqueus, de belas grevas, por tal mulher muito tempo dores padeçam*” (Ibid., 2013, p. 5). A persuasão pela palavra não é exclusividade da retórica, uma vez que exemplos citados como a medicina, a aritmética e a geometria também se valem do discurso para atingir a efetividade, porém nessas artes o intuito é instruir e não somente induzir à persuasão.

Podemos pensar em como as artes consideradas técnicas possuem compromisso com a finalidade de instruir, de operar em nome dos fundamentos, legitimando suas capacidades. Já a retórica é colocada com certo lapso de finalidade, cabendo a ela induzir, alterar, pela palavra persuasiva, convencer o interlocutor de um posicionamento, sem a necessidade de explicitar seus princípios. Portanto as *technés* operam pela produção de conhecimento, motivo pelo qual Sexto sustenta que a retórica não constitui arte.

A sentença que define os parâmetros para a noção de *techné* é assim apresentada: “*toda arte é um sistema composto por apreensões exercidas em conjunto e dirigidas a um fim útil*

⁹ PLATÃO. “Górgias” in: *Diálogos. Vol. III – IV*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: Universidade Federal do Pará, 1980i. p. 118.

¹⁰ λέγεις ὅτι πειθοῦς δημιουργός ἐστιν ἡ ῥητορικὴ. A retórica é mestra da persuasão *peithous*. Na tradução inglesa de W.R.M. Lamb “*rhetoric is a producer of persuasion*”. O vocábulo *demiourgós* traz uma ideia de artifício para a construção da persuasão, como se ela pudesse ser tecida, manufaturada, produzida de maneira substancial.



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

para a vida” (Ibid., 2013, p.7). Portanto, sustenta-se em três instâncias, a saber: apreensão, finalidade e utilidade. Na busca pela desqualificação técnica da retórica, Sexto argumenta atacando-a justamente em cada uma dessas instâncias, ataques que abordaremos aqui de modo sucinto.

Primeiramente coloca que a retórica não seria um sistema composto por apreensões, posto que não há apreensão das coisas falsas. No tribunal muitas vezes, com o intuito de defender o ladrão, faz-se necessário enganar o juiz ou impeli-lo à piedade. Para instituir que a retórica produz falsas apreensões, recorre então a diversas definições, nas quais pretende desenvolver essa premissa. A primeira já citamos, que é a dos discípulos de Platão: “capacidade de persuadir por meio de discursos”. Na sequência ele continua: os discípulos de Xenócrates: “criadora de persuasão”, Aristóteles: “capacidade de reconhecer o que é propício à persuasão”, Aríston, amigo de Critolau: “a meta professa da retórica é a persuasão, e seu fim a persuasão segura”, Hermágoras: “a tarefa do retórico perfeito é lançar a questão política proposta do modo mais persuasivo o possível”, Ateneu: “habilidade do discurso que objetiva a persuasão da audiência” e, por fim, Isócrates: “os retóricos não perseguem nada além da ciência e da persuasão.”

Muitas dessas definições apresentam uma ideia de instabilidade, evidenciada pela utilização de termos relativos a certa possibilidade em ser atingida, certo grau de causalidade e capacidade, através das quais a retórica pode ou não atingir o objetivo proposto. Essa noção de *provável* é utilizada em três sentidos: o primeiro, o que é evidentemente verdadeiro, produzindo uma visão de verdade, leva-nos ao assentimento eficiente, persuadindo por si só. O segundo, o que é falso, mas que, implantando uma impressão de verdade, leva-nos ao assentimento, circunstância que os retóricos chamam de “verossímil”, o fato que é semelhante à verdade. O terceiro, aquele que participa da verdade e da falsidade da mesma maneira. Portanto, de qual desses modos, pergunta Sexto, pode a retórica objetiva persuadir?

Não poderia ser ao obviamente verdadeiro, ele por si só nos persuade, pois não precisamos da retórica para nos convenceremos de que “agora é dia”, ou que “agora estou falando”, também não sendo necessária para nos fazer assentir ao fato de que o assassino pego em flagrante é um assassino. Portanto, qualquer esforço retórico, nesses casos, seria supérfluo.

Se todo o verdadeiro, seja do tipo que for, é provável ou improvável, pode-se entender que a retórica concerne tanto ao verdadeiro quanto ao falso, na medida em que a razão, enquanto instrumento capaz de discernir o provável e o improvável, pelo mesmo modo é capaz de discernir o verdadeiro do falso, e se assim for, a retórica será o conhecimento das coisas verdadeiras e das falsas. Porém assim não o é, pois a retórica não tem o evidentemente verdadeiro como seu objeto, além de ser capaz de advogar causas opostas, portanto a retórica não objetiva a verdade. Tampouco o falso, pois nenhuma arte se exerce em relação ao falso.

A segunda instância de ataque seria quanto a finalidade da retórica, sendo questionável pois, diferente da Filosofia, Gramática, Navegação, e outras artes em geral, não possuiria um fim estável. Embora o retórico tenha objetivos específicos, pelo seu discurso muitas vezes acaba atingindo outra causa que não a almejada inicialmente, encontrando um fim diferente de sua investida inicial. Muitos professam que o fim da retórica seria a persuasão, mas o esforço de Sexto visa destituir esse argumento. Quando diz, por exemplo, quando o discurso é feito e os juízes são persuadidos pelos fatos, os retóricos ainda ficam esperando, na expectativa de



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

obterem algum fim além. Desse modo, o fim da retórica não seria a persuasão, mas, se for de algum outro modo, será aquilo que se segue à persuasão. Ademais, se os retóricos buscassem a persuasão como o fim de seu exercício, não necessitariam apelar à piedade ou lamentação ou indignação do júri, pois essas são coisas que não persuadem, mas pervertem a mente e obscurecem a justiça. Desse modo, é assim colocado como que o fim da retórica não pode ser a persuasão.

Outros sustentam que o fim da retórica é o que é vantajoso, o que gera a vitória. Se os retóricos podem advogar na defesa ou no ataque, se podem inventar argumentos apropriados às suposições, é demonstrativo que eles não possuem um padrão ou critério de atuação. Assim, se o fim da retórica não é inventar argumentos verdadeiros nem possíveis, segue-se que a retórica nada mais é que inventar argumentos apropriados, o que nos levaria a crer que o fim da retórica é a própria retórica. Mas se o retórico não faz nada visando a utilização pura dos argumentos apropriados, sempre em busca no que se dá após o discurso, a retórica pela retórica também não procederá. Ademais, o fim que o retórico precisa atingir é o mesmo fim da pessoa que o contratou precisa atingir, e ela não busca a produção de argumentos apropriados. Também não seria o de produzir nos juízes uma opinião sobre o caso conforme seus intentos. Não há garantias de vitória, e esta também não pode ser o seu fim, pois quem falha na arte da gramática não será um gramático e, por analogia, quem falha na arte retórica não pode ser um retórico. E, se levarmos em conta que o retórico é vencido muitas vezes e, mesmo na derrota, pode ser ainda elogiado pela sua elocução perspicaz, vencer também não é o fim da retórica. Tal a dificuldade e imprecisão de seu fim que, no caso das artes técnicas, deve ser claro e preciso, é o que leva Sexto a concluir que a retórica não possui um fim estável e objetivo.

Por fim, o terceiro ataque diz respeito à utilidade da retórica, instância que lhe seria negada. Se ela fosse útil, deveria ser útil ao seu possuidor e às cidades, como as outras artes. Porém não é útil ao seu possuidor visto que precisam ir constantemente a assembleias e cartórios, passar muito tempo junto de tratantes, suspeitos e traidores, além de dever discursar com audácia e postar-se de modo contundente, assim como falacioso e trapaceiro quando entre os que praticam as piores ações, ocasião em que precisa tanto expor habilmente quanto, ao inverso, ocultar essas coisas. Também deve ter muitos inimigos e ser odiado por eles, estar engajado continuamente em contendas e, como um pirata, ora fugir ora perseguir, ficando assim cansado e preocupado noite e dia. Desse modo, a retórica não seria útil, mas prejudicial àquele que a possui.

Também não é útil para as cidades, pois se as leis são a garantia de união e ordem, as cidades são destruídas quando as leis são abolidas. A retórica pode ser colocada em evidência como aquilo que se opõe, em certos casos, às leis. Uma prova é que entre os bárbaros, onde não há retórica, ou talvez pouca, as leis são imutáveis. ao passo que entre os que cultivam a retórica elas podem ser alteradas diariamente, como foi o caso com os atenienses. Que ela é contra as leis se faz claro a partir dos discursos que fazem os que a praticam como ofício, ora aconselhando certa disposição de um decreto, ora criticando a mesma disposição, e até mesmo construindo um sentido diferente a partir dela. Também fazem distinções entre frases ambíguas e sustentam a significação que lhes apraz. Portanto, para Sexto, a retórica não é somente inútil, mas também prejudicial, não sendo útil nem ao seu possuidor nem aos seus próximos.



ANAIS

Simpósio Internacional de Língua, Literatura e Interculturalidade (SIELLI) e Encontro de Letras

www.sielli.ueg.br

POSLLI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE

Campos
Corápolis

Universidade
Estadual de Goiás

09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

Conclusão

Sexto então conclui, a partir do que foi exposto, que a retórica não possui matéria acerca da qual se exerça como arte, desprovida de apreensão, finalidade e utilidade, não se exerce como arte. Não possui matéria, nem mesmo um fim, portanto, inconsistente.

Retomando nossa citação inicial, que confere ao discurso (logos) a capacidade instável capaz de enfeitiçar os interlocutores, alterando suas condições iniciais, podemos proceder, em conclusão, aproximações quanto aos argumentos que vão, de certo modo, contra a retórica e contra a poética. Propomos aqui que os motivos para as repulsas se sustentam, em certa medida, aos efeitos instáveis e maleáveis que são intrínsecos à utilização da palavra de maneira em geral, além obviamente da destituição das instâncias técnicas. A instabilidade do logos é vista como ameaça, por Platão, ao seu projeto pedagógico, uma vez que a poesia pode versar sobre valores que são opostos aos que ele busca, motivo similar que faz Sexto atacar a retórica, considerando-a, através da instabilidade, uma ameaça à ordem e ao cumprimento das leis necessárias às cidades.

Voltando às passagens das pedras podemos concluir nossa leitura a partir dessas questões. Na imagem da pedra magnética, há uma vontade divina, verdadeira, estável, que se replica e se reproduz, justificando a operação, contagiando a outros, espalhando-se como mensagem irrefutável. Na imagem da pedra de amolar estamos diante de certa instabilidade, da possibilidade de produzir uma situação a partir da ausência dela, não pela replicação ou reprodução de suas características, mas atuando pela diferença, pela indução de outra circunstância, a alteração da condição que é viabilizada pela força modificadora, sem apreensão, finalidade ou utilidade, senão tornar capaz o outro naquilo em que é incapaz em si mesmo. Essa dicotomia entre o magnetismo indutor e a pedra que amola a lâmina serve muito bem de metáfora para ilustrar um entendimento filosófico e ontológico da produção artística, por um lado, contra um entendimento sofisticado e retórico, por outro.

Referências:

EMPÍRICO, Sexto. **Contra os retóricos**. Trad. Rafael Huguenin e Rodrigo Pinto de Brito. São Paulo: Unesp, 2013.

GÓRGIAS. Elogio de Helena. Trad. Daniela Paulinelli. Belo Horizonte: Anágnosis, 2009.

PLATÃO. “Ião” in: **Diálogos** Vol. I e II. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: Universidade Federal do Pará, 1980.